

Da ética às cifras sem culpa

Valores como ética e respeito ao próximo podem virar dinheiro. É o que acredita o presidente da Associação de Dirigentes Cristãos de Empresas em Minas (ADCE-MG), Sergio Cavalieri, entidade que reúne, em Belo Horizonte, 160 empresários católicos, protestantes e de outras religiões. "Os ideais e os princípios cristãos nas empresas fazem com que elas tenham resultados melhores. Os valores cristãos colocam em primeiro lugar o outro e, quando o empresário aplica esses valores assim, a empresa serve à comunidade, às pessoas, aos clientes e funcionários e há bem estar geral. Com riqueza, gestão e benefícios compartilhados, todos ganham", diz.

A jovem empresária Natália Vasconcelos, batista, considera as vidas econômica e religiosa indissociáveis: "Uma coisa tem totalmente a ver com a outra, porque a fé não é só ir à igreja, é mudar seu estilo de vida. Com isso, se você passa alguém para trás, na loja, é uma questão entre você e Deus". Vasconcelos é proprietária de duas lojas de iluminação de interiores e diz que aprendeu com a mãe e com a igreja, que a gestão do negócio é a verdadeira noção prática do plantio e da colheita. "Se investimos certo, as portas vão se abrindo", confia. Para Cavalieri, colocar o homem no centro da gestão é fundamental em atividades econômicas: "Se você acredita que vale tudo em nome do dinheiro, a coisa desanda, como aconteceu com os mercados financeiros, que amargam a atual crise. É resultado da ganância".

EUROPA O cenário internacional confirma justamente o assombramento do fantasma do sociólogo Max Weber, que, no século passado, disse que católicos são menos tendenciosos às punjanças do capitalismo que os evangélicos (leia no Saiba mais). Entre os 27 países da União Europeia em crise, o grupo dos Piigs (Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha) é fundamentalmente católico. Marcelo Côrtes Neri, da FGV, lembra que a França, a maior economia católica do mundo, passou por ataque especulativo na origem da instabilidade financeira atual. (FB)